



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FELIPE WACHS**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-106

**Entrevistado:** Felipe Wachs

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS

**Entrevistadores:** Leon Kaminski

**Data da entrevista:** 18/04/2005

**Transcrição:** Vicente Cabrera Calheiros

**Conferência Fidelidade:** Ana Maurmann

**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen

**Pesquisa:** Camile Romero

**Fitas:** (01 fita) 106/01-A e 106/01-B

**Total de gravação:** 40 minutos

**Páginas Digitadas:** 14

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01937/2008/01

**Número de registro da fita:** 01937/2008/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

WACHS, Felipe. *Felipe Wachs (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Participação no movimento estudantil via ESEF-UFRGS. Participação do Diretório Acadêmico da Educação Física e no Diretório Central dos Estudantes da UFRGS. Bolsista do PET e a luta política pela manutenção desse Programa pelo Governo. Educação Física locada dentro da Área da Saúde e/ou Educação no MEC. Perfil dos alunos, professores e funcionários entre os anos de 98 e 2003. Mudanças na infra-estrutura da ESEF e currículo da graduação nesse mesmo período. Relação dos alunos com os professores. Relações com a direção da ESEF e Reitoria da UFRGS. Participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Porto Alegre, 18 de abril de 2005. Entrevista com professor Felipe Wachs, a cargo do entrevistador Leon Kaminski, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.K. - Boa noite, Felipe!

F.W. - Boa noite!

L.K. - Bom, como começou o seu envolvimento com a ESEF<sup>1</sup>?

F.W. - Começou?

L.K. - Começou.

F.W. - A ESEF não foi um envolvimento direto com a Universidade<sup>2</sup>... Eu ingressei primeiro para administração, cursei um semestre de administração, depois eu fiz uma transferência interna para a ESEF que era um curso que eu já tinha pensado momentos antes, preferi por administração, optei e acabei mudando e indo para um curso que tinha a ver com a minha carga histórica. Eu tinha um pouco de história esportiva, fui atleta durante muitos anos, de atletismo e de basquete e, durante os últimos anos de colégio, participamos de um projeto pedagógico com crianças carentes de uma comunidade. A gente trabalhou com muitas coisas de recreação... Mais parte educativa. Então, talvez, essas duas vertentes tenham me levado a optar pela educação física, por essa mudança de curso que foi essa parte mais esportiva e essa parte de um projeto com crianças em situação de risco. Ah, fiz a transferência, deu certo, fui cursar educação física na ESEF.

L.K. - Podia nos relatar tua participação no movimento estudantil, no Diretório Acadêmico?

F.W. - Movimento estudantil... Foi uma participação que amadureceu durante o tempo. Durante os primeiros anos da faculdade eu estive mais afastado, tiveram algumas gestões

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física - UFRGS

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

que eu estava mais afastado, lá pela metade do curso, nós começamos a conversar, um grupo, com a proximidade de uma eleição... Já atuava em outros níveis, fazia política de maneiras diferentes, mas com o Diretório<sup>3</sup> foi da metade do curso em diante. A gente conseguiu juntar um grupo pensando na possibilidade de ter uma gestão de diretório acadêmico que fosse interessante, representativa, que promovesse eventos de formação, eventos que fossem de... Participar também reuniões que fossem de interesse dos estudantes, representar os estudantes politicamente, marcar algumas posições políticas, várias, vários eixos que talvez o movimento estudantil engloba. E, participar do movimento estudantil é também uma formação... Não é só estar ali representando e passando por aquela figura que briga e que quer criar caso, como parece para muita gente, tu aprende, tu te posiciona, tu aprende muitas vezes a ser cidadão e agir politicamente enquanto um cidadão. Então, entrar no movimento estudantil pelo D.A... Um outro grupo que foi marcante politicamente para mim foi o Programa Especial de Treinamento, o PET, que hoje é Programa de Ensino Tutorial<sup>4</sup>, mudou de nome, quando eu entrei era Programa Especial de Treinamento. Entrei no meu segundo semestre, e desde o começo, já quando eu entrei, já se brigava muito para manter esse Programa funcionando. O atual Governo Federal vinculava esse Programa a CAPES<sup>5</sup> e tinha uma vontade grande de extinguir esse Programa. Então, tivemos que fazer muitos “lobs” políticos, lutar muito para conseguir manter esse Programa. Talvez dentro da faculdade esse foi o primeiro movimento mais político que me envolvi antes do Diretório. Não sei se tu acha que tem mais alguma coisa interessante em cima de movimento estudantil?

L.K. - No movimento estudantil tu participou do Diretório Acadêmico. Nesse período, como era a relação com o movimento estudantil nacional, com o Diretório Central dos Estudantes e com outros cursos?

F.W. - Com o Diretório Central dos Estudantes – na nossa gestão do Diretório – teve uma proximidade boa... A gente acabou pegando uma eleição de DCE enquanto a gente estava em gestão... Nossa gestão acabou durando um ano meio porque abrimos eleição, não teve nenhuma chapa inscrita, a gente acabou ficando mais meio ano do que deveria. Durante

---

<sup>3</sup> Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach

<sup>4</sup> Programa de Educação Tutorial

<sup>5</sup> CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

esse período teve então, uma eleição de DCE, onde entramos como membros. Digamos que a atuação tenha sido muito efetiva, talvez eu tinha... Acabou entrando em discordância com coisas importantes e, assim, acabou acontecendo um afastamento do DCE naquele ano. Acho que a nossa proximidade foi boa no início da gestão e, depois, acabamos nos distanciando, principalmente por ideais e, muitas vezes, pela real... Reais interesses, real implicação que as pessoas tinham... Acabamos nos distanciando para se implicar em coisas que talvez eram diferentes do que o DCE estava querendo naquele momento. Ah, com o movimento nacional, estivemos com a UNE<sup>6</sup>, participamos de algumas coisas, debatemos em alguns órgãos, algumas coisas... Chegamos a ir a uma Bienal da UNE, mas nunca tivemos uma interação com a UNE... Agora uma proximidade de discussões talvez com o movimento nacional da educação física, o MEF, o Movimento para Educação Física... Se teve um certo “q” dificultoso em termos também da própria UFRGS, da relação com o movimento nacional, com outras faculdades... Tivemos, na nossa gestão, certo radicalismo que não fechava muito com o que as pessoas da UFRGS geralmente pensavam politicamente. O que criou muitas vezes um certo rechaço com o pessoal da educação física da UFRGS que a gente tentou contornar algumas vezes e marcar algumas posições políticas, dentro do que se esperava como movimento estudantil. Enquanto, muitas vezes, o movimento estudantil nacional falava em revolução armada, em pega de armas, e coisas afins, a gente pensava algumas coisas diferentes... Fomos tachados muitas vezes de pelegos e similares. Não é que a gente não tinha posição política. São políticas de distinguir. Mas apesar de tudo, acho que a posição, a participação da UFRGS sempre foi interessante para quebrar com uma lógica que talvez hoje no movimento, no MEF, tenha mudado um pouco... Tu queres matar quem? Que tipo de revolução é essa? Não que a gente desacredite que talvez seja necessária uma revolução, mas que revolução é essa? E, também pensar outras práticas de educação física, que tipo de prática é essa? Eu me lembro de uma coisa muito interessante que a gente discutiu num evento, que foi de como a educação física lá no MEC<sup>7</sup> era classificada na área da saúde. E, o movimento estudantil sempre brigando, pensando que não, que a educação física não devia estar vinculada à área da saúde, devia estar vinculada à parte da área pedagógica, da educação, ou alguma coisa assim. Muitas vezes pensando a saúde como ruim e a educação como boa, eu acho que isso é bastante sintomático, porque dentro das faculdades geralmente o pessoal que se aproximava mais da

---

<sup>6</sup> União Nacional dos Estudantes, fundada em 1937.

educação, era um pessoal mais de luta, que tem uma visão mais crítica, transformadora da sociedade e muitas vezes quem se aproximava da saúde, tanto alunos como professores, eram um pessoal que tem uma visão não tão crítica, não tão transformadora, muitas vezes associado a uma saúde que é mais condicionamento físico, que é uma saúde que não é uma saúde pública, que é uma saúde que não pensa talvez um conceito de saúde ampliado, uma série de fatores eu acho que de certa forma vê a educação física, o movimento estudantil mais próximo da educação e não da saúde... Seria mais interessante ser mais próximo da educação do que da saúde. Eu acho que isso é errado, eu acho que a educação física é tanto da saúde quanto da educação. Essa dificuldade de muitas pessoas enxergarem isso como uma possibilidade, de a educação física ser tanto da área da educação como da área da saúde... Se interpelam, se sobrepõe, ou são as duas coisas ao mesmo tempo muitas vezes. É difícil de enxergar para algumas pessoas isso, para muita gente. É a necessidade que muitas vezes a gente tem de classificar, classificar prejudica! Que mais podia ver nessa coisa da saúde é... Também essa dificuldade de ver a saúde como um marco, um espaço de uma atuação política, de uma briga política por uma saúde para todos, uma saúde que esteja dentro dos princípios do SUS<sup>8</sup>, uma saúde onde a educação física pode estar contribuindo de uma maneira crítica. Acho que talvez isso o movimento estudantil ainda precise amadurecer, mas, estou falando um monte de coisas...Viajando... [riso]

L.K. - Agora mais sobre a ESEF, podes fazer uma descrição do espaço físico, das mudanças que ocorreram na ESEF no período que você esteve lá estudando?

F.W. - Mudanças curriculares, mudanças físicas?

L.K. - Mudanças físicas, estruturais? Como é que era?

F.W. - Na época que eu entrei, realmente levei um susto. A primeira vez que eu fui na faculdade tinha uma cerca toda arrebitada, um mato alto por toda faculdade, eu olhei assim: Será que é aqui mesmo que eu tenho que ir? Onde é que eu to indo... Isso é uma questão que melhorou na faculdade, a questão do cuidado, do espaço. Quando eu entrei o

---

<sup>7</sup> Ministério da Educação.

<sup>8</sup> Sistema Único de Saúde

LAPEx<sup>9</sup> já estava pronto, o ginásio de ginástica olímpica não, o ginásio de ginástica olímpica e judô ficou pronto depois, era só a estrutura que estava meio construída. A biblioteca não era tão grande quanto é hoje. As mudanças foram positivas, em termos de ambiente, ficou mais bonito, reformaram as quadras de tênis. A minha reflexão crítica talvez seja de como isso se deu, como é que se fez essa melhora do espaço. Muitas vezes foi com dinheiro de projetos de extensão, com dinheiro de especializações, de federações, e aí fico pensando, essa universidade pública, como é que se dá essa relação com o dinheiro privado, isso é complicado de dizer... Com financiamentos privado, com projetos mais preocupados em estar arrecadando dinheiro que promovendo um benefício para a população... Eu acho que benefício para a população... Isso que a universidade deve estar fazendo, uma preocupação social. Mas é difícil da faculdade... Estava escutando, esses tempos, um professor que queria fazer um projeto que ia ser gratuito e aí, as pessoas dizendo: “Não sei se isso é possível, um projeto gratuito?”. Tem que entrar dinheiro em caixa, tem que cobrar das pessoas! Assim também a especialização. E, algumas, vezes até a percepção de espaço que talvez seja da especialização, onde entra dinheiro, que sejam melhores que o da graduação. Muitas vezes até a dedicação dos professores, onde tem a pós-graduação, onde entra um dinheiro seja maior também que na graduação, não sei se só ligada à questão do dinheiro, muitas vezes também a motivação nos cursos de pós, seja “*strictu*” ou “*lacto sensu*”... Mas essas mudanças, a minha reflexão é que eu acho que mudou, tiveram mudanças para melhor de estrutura que talvez seja a maneira que as direções, que passaram pela época que eu estava lá, encontraram para conseguir vencer falta de financiamento federal que não. Não conseguia investir em coisas que nem essas, de melhoria da faculdade. Não vou culpar ninguém é só uma constatação.

L.K. - Podia nos dar um perfil econômico, sócio-cultural, dos estudantes, professores e funcionários...

F.W. - Econômico e sócio-cultural... Tudo isso junto! [riso] Quando eu entrei, os alunos talvez tivessem uma outra concepção, acho que tinha mais o interesse de viver a faculdade, se entregavam de uma maneira maior, mais integral à faculdade, viviam aquilo, não vinham simplesmente para a aula e iam embora, tinha uma identificação de grupo muito

---

<sup>9</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973



forte, tinha coisas muito marcantes como os trotes, as festas, os pagodes... Coisas que passam talvez pelo perfil sócio-econômico-cultural. Acho que era um perfil que vem mudando durante os anos. Na época que eu entrei as pessoas não tinham uma dedicação, isso é uma coisa difícil de dizer... Mas acho que não tinham tanta dedicação a uma parte técnica, de conteúdo e de aulas, que talvez tenha melhorado, acho que talvez as pessoas tenham preocupação com pesquisa e com estar se identificando mais a estudos, talvez uma sensação minha. E, ao mesmo tempo, um reverso na perspectiva humana, de tratamento, de relação que era muito... Parecia que a formação humana era maior quando eu entrei do que quando eu saí. Essa é uma preocupação, em termos de relação, as pessoas estão talvez... Mudanças que eu estou tentando dizer... Não me é claro se isso, se isso... É percepção pessoal. É, também, uma questão de perfil sócio-econômico. Talvez as pessoas não tão ricas, pessoas talvez mais simples quando eu entrei, quando eu saí acho que a educação física já estava em um processo de virar moda, de aparecer bastante na mídia. Já estava em um outro status social, outra importância acadêmica, talvez tenha amadurecido academicamente. E, amadurecer não é de uma hora para outra, não sei se dá para se dizer nos cinco anos que eu fiquei lá, que não é muito tempo, que alguma coisa amadurece, mas eu acho que amadureceu em algumas coisas... Essa coisa da mídia, de dar alta importância para a educação física, de respeitar mais, talvez tenha atraído outros perfis sócio-econômicos. A minha percepção é que muitas vezes uma classe mais alta, pessoas de condições econômicas melhores começaram a entrar, o que mudou muitas vezes o perfil da faculdade. Não sei para melhor ou para pior, acho que ganhou em algumas coisas, perdeu em outras. Isso em relação aos alunos... Acho que os professores, o nível dos professores é bom... Há um desgaste grande da faculdade pela história que as faculdades federais enfrentaram, se perdeu muita gente boa, que podia estar dando aula ainda. Perdeu-se muita gente boa, que também podia estar dando aula já, pela falta de concursos. E, se deixou de ter muita gente próxima, talvez por que tem muita gente fora fazendo mestrado e doutorado e a mil... E tinha pouca gente dentro. Mas acho que o perfil dos professores geralmente era de pessoas comprometidas com a educação, Apesar do que eu disse antes de muitas vezes estarem mais comprometidos com os cursos de pós-graduação do que com a graduação. Acho que o perfil cultural infelizmente passa por aquela coisa da dicotomia que eu estava falando antes também de saúde e educação. Senti muita falta de ter professores mais qualificados na parte pedagógica, na parte de educação, de didática muitas vezes... E falta de professores da área da saúde que pudessem, pensando na

dicotomia saúde e educação, pensar uma saúde com essa preocupação social, com uma preocupação que não seja formar um “*personal trainer*” ou um treinador mas formar uma pessoa, um profissional que esteja comprometido com a sociedade. Em termos de funcionários, acho que os funcionários da ESEF... Não sei se eu tenho muito a dizer, as pessoas acho que são simples, pessoas que apesar de simples tinham uma interação com a comunidade esefiana, pessoas que tinham diálogo fácil, acho que o clima da faculdade de educação física facilita isso, um clima mais descontraído. São pessoas que, geralmente, não são tão estressadas. Então existe uma, pelo menos eu tive isso lá, uma relação boa com os funcionários. Acho que sobre os funcionários é isso.

L.K. - Podia nos dar um relato do cotidiano da Escola?

F.W. - Acho que depende de para quem esse cotidiano... Cotidiano de uma pessoa, de um determinado grupo de pessoas? O cotidiano para algumas pessoas era vir para aula no seu horário, sei lá sete e meia da manhã e ir embora as nove, voltar para aula mais tarde, ir embora de novo, que é um contexto, um cotidiano de formação que acho que não é uma formação tão bem aproveitada que todas as pessoas fizeram da faculdade. É um cotidiano de pensar que talvez a formação vá além da sala de aula. A ESEF facilita isso: formação de corredor, é um meio acadêmico... A formação é um pano de fundo, mas tu também facilita um cotidiano da ESEF que é um cotidiano também de um espaço que vivencia a educação física e o lazer muitas pessoas vinham e vivenciavam seu lazer dentro da própria faculdade, seja jogando tênis nas quadras, vôlei de areia nas quadras, caminhando, correndo na pista, outros esportes... Eu lembro que quando a gente era “bixo”, a gente almoçava, antes de almoçar jogava um vôlei ao meio dia... Tinha uma galera que se juntava e era sempre muito gostoso... É um cotidiano que é de aulas, que é de conversas de corredores para muita gente, que não tem a preocupação de estar ali e estar saindo rápido, é um cotidiano que vivencia essas práticas de lazer e é um cotidiano que muitas vezes também envolve as festas que a faculdade sempre promoveu. Diretório, formandos, outras festas mais. É um cotidiano que é de aula, de lazer, de formação, é de formação extraclasse é de formação em cursos de extensão, em pesquisas que muita gente... A ESEF tem um bom incentivo para iniciação científica, não sei se concordo com muitas linhas, mas... Acho que incentiva diferentes linhas, o que é importante também. O que mais? De cotidiano... Acho que é um cotidiano de discussões, de debates que muitas vezes

aconteceram na frente do Diretório, sem ser coisas muito formais, muitas vezes falando de coisas que aconteceram, de aulas, de professores, sem estar necessariamente... E, é também uma dificuldade, de ter uma atuação política mais formal, não teve muita gente envolvida, não tem uma participação política grande dos alunos, nunca teve. Isso é uma coisa que não fez parte do cotidiano. Mas uma discussão política não formal, muitas vezes aconteceu. Agora, ocupar espaços de representação e tal, isso é uma grande dificuldade da comunidade da educação física. Não sei mais o que pensar sobre cotidiano. O que mais envolveria cotidiano? A cerveja da noite... Essa parte da cerveja tem que cortar. [risos]

L.K. - Vamos entrar agora mais nas questões dos aspectos pedagógicos na Escola. Como as questões pedagógicas... Como era a relação professor-aluno e aluno-professor? Como se davam as relações aluno-professor pedagogicamente? Como era o posicionamento dos professores, como é que eles davam aulas: autoritários, democráticos...

F.W. - Depende muito de professor para professor, acho que tu podes vivenciar diferentes estilos e posturas, que perpassam o que os professores acreditam também. Tiveram professores que a gente sabia que para falar mal do aluno...

[FINAL DA FITA 106/01-A]

F.W. – Estávamos falando da relação professor-aluno... Alguns professores era o aluno falar: “Ai”, que o professor esculhambava tanto esse aluno que o aluno saía acabado da aula. Tinham professores com uma postura extremamente passiva que é aquela postura do pacto de mediocridade, entrou na sala, colocou algumas coisas no quadro, tanto faz se o aluno aprendeu alguma coisa ou não, se aquilo está sendo interessante ou não, e acho que botando matéria no quadro, estava dando sua aula... Postura de professor autoritário, agressivo... Fazia outros professores passivos... Esse pacto de mediocridade... Alguns professores muito bons, professores comprometidos, preocupados, que a graduação fosse um espaço de formação onde o aluno pudesse ter voz para decidir também como é que ia ser a sua formação, o que era importante, discutir avaliação... É bastante distinto, não tem um perfil da relação professor-aluno, acho que muda, é bastante diferente de professor para professor.

L.K. - E tu que participasse do movimento estudantil... Como é que se dava a relação dos estudantes com a direção, reitoria...

F.W. - Direção, Reitoria, relação... A gente... A participação, que nem eu estava falando antes, a participação... Eu acho que ocupar espaços representativos é uma dificuldade muito grande dos alunos da educação física, durante muitas gestões aconteceu de ter espaços que não tinha nenhum estudante... A comissão de pesquisa... É difícil para o aluno visualizar a importância de estar ocupando esses espaços e não ver isso como tempo perdido... O que muitas vezes distancia os alunos representantes da direção e dos professores. Acho que na nossa gestão, a gente conseguiu manter um diálogo interessante com a direção, um diálogo que não ficou conflituoso, de conflito. Foi um diálogo que sempre buscou, tanto pela direção quanto da gente, solucionar os problemas que estavam aparecendo. Isso não significa que nesse diálogo a gente cedesse de posições que achávamos importante. Conseguimos manter um diálogo amigável, um diálogo que talvez não aconteça hoje, talvez... Mas, naquela época, foi interessante. Acho que esse diálogo amigável favoreceu que a gente fizesse muitas coisas em termos de atividades que a direção facilitou para realizarmos. Auxiliou com idas a eventos, com eventos dentro da faculdade, com recursos financeiros e apoio moral de pessoas que trabalhavam mesmo, de funcionários da faculdade... Com a reitoria, a gente tinha uma secretaria de assuntos estudantis que conseguimos ter um vínculo interessante... Interessante principalmente por uma questão mais financeira do que auxílio de outra maneira. Conseguimos estar realizando eventos com esse auxílio. Mas, muitas vezes, nossa proximidade com a reitoria não foi boa em outros retornos, como, por exemplo, o caso do professor de anatomia que promovemos um abaixo-assinado, que não era o primeiro, acho que era o terceiro abaixo-assinado que se fazia, solicitando que se mudasse esse professor, porque os alunos avaliavam que esse professor não estava correspondendo às expectativas... Estávamos reunidos com a reitora – isso eu me recordo muito bem, a reitora na época era a Wrana<sup>10</sup>... A maioria dos diretórios reunidos com ela na reitoria. E, nós falamos de possibilidades de estar lidando com maus professores e levantamos o caso desse professor de anatomia que já era o terceiro abaixo-assinado e nada desse professor deixar a cadeira ou melhorar as aulas. Então, ela disse o seguinte, vocês tragam esse abaixo-assinado em mãos, e nós vamos tomar providências com certeza. Esse abaixo-assinado foi parar nas mãos dela e até

hoje esse professor está lá. Coisas que foram protocoladas no Departamento, que foram discutidas com a secretaria de assuntos estudantis... E, pouco se mudou pensando numa qualificação de alguns professores da faculdade. Então, como nossos conflitos ou nossa bandeira ou nossas coisas de certa forma envolviam alguma crítica a algum professor pensando a melhoria da formação, da faculdade, da graduação em si, aí o diálogo não foi bom. Talvez as nossas conquistas talvez não tenham sido muitas e foi uma coisa que foi difícil. Infelizmente a gente não conseguiu vencer muitas batalhas, nesse campo aí. Direção... Mais alguma coisa?

L.K. - E mudanças curriculares que tenham acontecido no período que você estudou lá?

F.W. - Mudanças curriculares... Uma mudança importante foi a obrigatoriedade da monografia que acho que qualificou e veio a incentivar uma formação científica... Em termos de produção científica... Em pensar que é interessante envolver ensino, pesquisa e extensão o tripé que tanto se fala da Universidade, da formação... Veio incentivar uma parte, um dos pés que é a pesquisa. Isso é importante. Depois que eu saí, acabaram virando duas cadeiras, quando eu estava lá era só uma. Outra mudança importante foi o aproveitamento de créditos de extensão, de monitoria, que vieram valorizar outro pé, que é pensar uma formação que também envolva estar participando de extensão. Esse pé é importante pois valoriza uma atuação, uma prática, que o pessoal da educação física tem bastante... Tem estágios... Temos uma grande possibilidade de estar vivenciando já a educação física na prática, o exercício da sua profissão enquanto ainda se está na graduação. Acho que veio valorizar e também é uma valorização importante em termos de pensar a formação... Que ela não é só sala de aula, é uma formação...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.W. – Outra mudança interessante foi romper com... Um termo para isso... Currículo fechado, estagnado, um currículo que seja fechado, sem possibilidades de fazer coisas diferentes. Na época se chamava de tópicos especiais ou práticas complementares, não me lembro bem o termo correto... Acho que tinha as duas coisas... Abria a possibilidade de a

---

<sup>10</sup> Wrana Panizzi

faculdade oferecer cadeiras que a princípio não teria no seu currículo... Foi uma cadeira de salvamento, de socorros, não me lembro... Como é que é?

L.K. - Resgate e salvamento.

F.W. - Resgate e salvamento... Outra cadeira de corrida de orientação, cadeira de “*raffting*”... De certa forma não foi uma atualização de currículo, mas se conseguiu burlar a burocracia, de mudar um currículo... Isso te dava uma possibilidade de oferecer de uma prática complementar de tênis, onde o cara ia ser professor de tênis em algum lugar, então abria a possibilidade de fazer formações que interessavam aos alunos e de coisas que talvez tivessem mais atuais do que o currículo. Isso gerou depois uma contra-reforma, uma reação que de certa forma é de se preocupar, o que é realmente uma carga básica, o que deveria ser obrigatório para a formação da educação física... Em termos nacionais, começaram a surgir discussões na educação física: bacharelado, licenciatura... Eu não peguei na minha época... Não peguei a atualização das novas diretrizes curriculares, peguei só essas coisas que eu já falei... Mudou, mas que também estavam em relação a mudanças maiores que estavam se discutindo já e vieram a se implementar depois.

L.K. - Aproveitando o gancho, qual foi a tua atuação dentro do ensino pesquisa e extensão dentro da Escola?

F.W. - Quando eu entrei na faculdade... Primeiro semestre, tudo muito novidade... Enamora-se o primeiro semestre pela faculdade e pela educação física [riso]. Já no segundo semestre comecei me envolvendo em ensino, pesquisa e extensão. Peguei uma monitoria de atletismo, que eu tinha uma possibilidade por ter sido atleta... Levei por dois anos, dois anos e meio como monitor. Também no segundo semestre eu entrei no grupo PET onde priorizávamos não só pesquisa, apesar de muitas vezes a gente chamar de um grupo de pesquisa... Havia a preocupação com essa idéia do tripé, tínhamos uma carga horária para dedicar para esse Programa que envolvia pesquisa, envolvia aulas diferentes, estudos, discussões de textos, e envolvia também projetos com a comunidade... Projetos que a gente desenvolveu de caminhada orientada, acho que foi um projeto muito bom de visualizar, essa coisa do tripé, um projeto que a gente fez... Durante certo tempo a gente teve diversas aulas com diversos professores nas mais diferentes óticas que talvez a caminhada pudesse

englobar, que seja da corporeidade, seja das relações interpessoais que podia ter, ou de fraturas ou acidentes, ou primeiros socorros, um monte de coisas relacionadas à caminhada, benefícios que a caminhada poderia trazer... Mais biológicos, mais sociais... Tivemos várias aulas. Depois dessas aulas começamos a planejar um programa de extensão para a comunidade... Desenvolvemos um programa de extensão para a comunidade onde coletamos dados também... Relacionamos a pesquisa para analisar como é que alguns pontos da caminhada em relação à [palavra inaudível]... Pegamos se não me engano... Como é que a gente fez... A partir de perguntas que a comunidade trazia, a gente registrava as perguntas principais e a partir dessas perguntas acabamos produzindo um livro... Tivemos que estudar também em cima dessas perguntas que a comunidade trouxe... Pega a questão do ensino, pesquisa e extensão englobado. Outro projeto que fizemos foi com postos de saúde. Também era uma coisa que achávamos muito inovadora, porque trazia essa discussão da saúde, da participação do professor de educação física dentro da atenção primária a saúde... Conseguimos também, trabalhar com essa perspectiva interligada de aulas, estudos relacionados, essa prática... Participava no posto e também produzia em cima. Acho que outra coisa... Aí eu participei de outras coisas, de um grupo que começou a participar de um assentamento do MST<sup>11</sup> com algumas práticas, a gente ficou um tempo um semestre ou dois, um semestre só eu acho. Participei antes desse dos postos, participei do projeto Convivência, foi a primeira edição acho do Convivência Saúde... Tem mais de um Convivência, o Convivência Saúde então, que era ligado aos postos do Conceição e que tinha profissionais de educação física, enfermagem, farmácia e medicina. Se eu não me engano eram essas quatro áreas. Íamos para essa comunidade ter uma convivência na atenção primária à saúde, que de certa forma também me motivou – e outras pessoas do PET que também participaram – a estar realizando aquele projeto mais adiante. Participei também da Universidade Solidária, apesar de tecer algumas críticas ao projeto, a realidade assistencialista que talvez o projeto tenha... Fomos a Alagoas, uma cidade de Alagoas, um grupo de dez estudantes, de dez diferentes cursos da UFRGS e nos preocupamos muito em estar trabalhando interdisciplinarmente e muitas vezes buscando uma transdisciplinariedade que eu acho que conseguimos alcançar algumas vezes... Um grupo que eu acho que ficou bastante coeso, bastante preocupado em não estar fazendo só uma prática assistencialista lá, mas tentar criar, tentar potencializar a seqüência do que estava se fazendo ali, não simplesmente fazer, dar alguma coisa e se retirar de lá sem deixar nada.

---

<sup>11</sup> Movimento dos Sem Terra.

Ou sem ter... Apesar de não estarmos lá continuando, mas que a gente pudesse provocar, trazer provocações de coisas que pudessem estar tendo seqüência. Acho que foi um grupo que conseguiu alcançar coisas, por exemplo, essa idéia de transdisciplinariedade que é uma coisa que muitas vezes nos parece tão utópica... Diferentes cursos conseguiram trabalhar com sexualidade... O nosso eixo transversal era sexualidade, e tratamos em escolas, agentes de saúde, diferentes pessoas da comunidade sobre sexualidade... Outra coisa... Trabalhamos com ecologia, com uma preocupação com coisas de hortas, uma preocupação com o meio ambiente... Bem interessante de trabalhar. Foi uma experiência boa apesar de talvez avaliar os custos de um projeto desses complicado para a realidade... Para um retorno... Acho que muitas vezes fica a coisa das provocações e certamente o mais importante do projeto... Era mais importante para nós como formação do que para as pessoas que a gente estava intervindo. Acho que foi muito mais marcante para a gente do que para a comunidade que a gente estava. Ensino, pesquisa e extensão, o que mais? Acho que o PET, a partir do PET, da história, do que a gente estudou sempre lá dentro, acho que eu me aproximei muito mais de um estudo do corpo, de uma parte que envolve muito mais os Estudos Culturais... Uma possibilidade de linha de pesquisa mais para esse lado e que acabou me motivando, direcionando de certa forma o meu trabalho de conclusão e a minha pós-graduação depois que foi também na ESEF de Pedagogias do Corpo e da Saúde... Relacionado a essa vivência então... Ensino, pesquisa e extensão... É o que eu estou me lembrando agora...

L.K. - Então, para encerrar, relatos de fatos pitorescos que tenham acontecido que tu tenhas vivenciado na Escola

F.W. - Essa a gente tinha combinado que tu não irias fazer [riso]... Um fato pitoresco, eu acho que um fato interessante... Uma historinha legal... Quando estávamos na nossa gestão do diretório, estava todo um processo – que eu acho que em Porto Alegre foi muito interessante – do início do Fórum Social Mundial. Vivenciamos isso, foi uma vivência muito importante, muito forte para Porto Alegre e, acho, para a política internacional. Depois do primeiro Fórum Social Mundial, teve o primeiro Fórum Mundial de Educação... Fórum Mundial da Educação, isso! Que foi em 2001, outubro de 2001. Nesse Fórum tivemos uma discussão com o pessoal que estava organizando... Foi uma época que estávamos junto com o DCE... Conseguimos trazer o acampamento da juventude do Fórum



Mundial de Educação para a ESEF! Foi meio que em cima da hora, uma correria! Acabamos fazendo, no meio do campo de futebol, no meio da pista de atletismo... De uma hora para outra tinha aquilo lá e não tinha muito recurso pensado... Não tem iluminação! Como é que nós vamos fazer coisas de iluminação, como é que a gente vai pensar banheiros, água como é que nós vamos fazer essa história toda aí! Então, acabou vindo o pessoal da CEEE<sup>12</sup> eu acho e botou uns postes de luz lá no meio do campo... Um refletor de luz... Montamos um palco com música lá, tinha show de noite... Acabou virando lá o acampamento do Fórum Mundial de Educação. Vieram sanitários ecológicos... Então, foi onde ninguém queria, inclusive chovia dentro desses banheiros, ninguém queria tomar banho porque estava frio, acabou todo mundo brigando para ir tomar banho no vestiário, foi uma coisa pitoresca. Interessante... Acho que esse aí é um dos que pode contar. [risos]

L.K. - Muito obrigado.

F.W. - Obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>12</sup> Companhia estadual de Energia Elétrica.